



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALINE MARIA SANTOS DE SOUSA  
ZAIRA ARAÚJO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS CONSTRUÍDAS POR JOVENS  
PROVENIENTES DE FAMÍLIAS NÃO BIOLÓGICAS.**

PARNAIBA  
2021

ALINE MARIA SANTOS DE SOUSA  
ZAIRA ARAÚJO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS CONSTRUÍDAS POR JOVENS  
PROVENIENTES DE FAMÍLIAS NÃO BIOLÓGICAS.**

Trabalho de conclusão de curso – TCC (formato artigo)  
apresentado à Universidade Federal do Delta do  
Parnaíba – UFDPAr, como requisito para obtenção do  
título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Dr. Samuel Pires Melo

PARNAÍBA  
2021

ALINE MARIA SANTOS DE SOUSA  
ZAIRA ARAÚJO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS CONSTRUÍDAS POR JOVENS  
PROVENIENTES DE FAMÍLIAS NÃO BIOLÓGICAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC (formato artigo) apresentado à Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr, como requisito para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pires Melo

---

Prof. Me. Lucivando Ribeiro Martins

---

Profa. Me. Sâmia Nagle de Oliveira Sousa

### **Dedicatória...**

*Dedicamos primeiramente está conquista a Deus, que em todos os momentos de aflição nos deu forças para prosseguir; dedicamos também uma a outra, pois sem nossa dupla não haveríamos chegado até aqui. Aos pais e irmão de Aline Maria (Luiza, Manoel e Alex) e aos pais de Zaira Araújo (Lucirene e Francisco), aos familiares, amigos e ao nosso prof. Orientador Samuel Pires, por ter abraçado e incentivado todo esse trabalho. Não podemos citar todos os nomes, mas cada contribuição para esse projeto jamais será esquecida por nós. Obrigada.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela minha vida e por ter sido em todo os momentos minha fortaleza e calma. Principalmente nos momentos em que acreditei que não fosse conseguir. Sempre pedi a Ele direcionamento e sempre fui atendida. Nos momentos de aflição, choro e desânimo, nunca me desamparou. Sempre esteve comigo.

Agradeço também aos meus pais, Luiza e Manoel, que batalharam por anos para proporcionar a melhor educação para mim e meu irmão. Por serem meus maiores exemplos e que durante toda minha vida, e especialmente nos últimos 5 anos, nunca deixaram faltar para mim amor, carinho, afeto e paciência nos momentos em que mais precisei. E igualmente ao meu irmão, Alex, que apesar de todos os conflitos, sempre me ajudou a resolver problemas que viessem a acontecer.

Agradeço a idealizadora e minha companheira nesse trabalho, melhor amiga, irmã, confiante, Zaira, que durante 9 anos foi, e segue sendo, meu aconchego nos momentos bons e ruins que a vida me faz passar. Uma pessoa que tenho muito orgulho de ser amiga e muito orgulho de sua evolução pessoal e que não espera ganhar o mundo de alguém, pois ela mesma vai e conquista.

Agradeço ao meu amigo Pedro que apesar das brigas sempre esteve do meu lado me fazendo sentir querida e amada e igualmente ao meu amigo Hugo que do mesmo modo me deu ânimo e vontade, principalmente nos últimos dias de construção desse trabalho. Sou grata pela vida deles. Agradeço também ao Lucas que desde 2010 aguenta minhas besteiras, sempre estando presente nos momentos em que precisei.

Agradeço também ao Ismael, uma pessoa muito especial que apesar de ter chegado a pouco tempo em minha vida sempre me ajudou, estando perto ou longe, com palavras de força e coragem e demonstrações de carinho e paciência.

Agradeço a todos os meus professores do meio acadêmico que ajudaram a formar minha personalidade, em especial meu orientador Samuel pelo incentivo e dedicação de seu tempo a essa pesquisa. Assim como agradeço os professores, Lucivando e Sâmya, por ter feito a experiência de estar numa universidade, uma experiência prazerosa e pela amizade construída.

Deixo aqui também agradecimentos a meus amigos e familiares, avós, tios, primos e afilhados por terem sido meus momentos de distração e relaxamento quando estava exausta.

Obrigada Brena, Maria Eduarda e Maria Vitória, por serem meu escape. Sempre me fazendo rir e revigorando minhas forças.

Por fim e não menos importante, ao tio Helvécio que durante sua vida sempre me incentivou a estudar e brigava comigo quando eu colocava dificuldade nisso e que mesmo estando doente e vulnerável não me deixou desistir e após sua partida ainda foi e é pra mim um incentivador. Quando eu penso em desistir ou que não vou conseguir, me lembro de suas broncas e me sinto reanimada. (In memoriam)

Aline Maria Santos de Sousa

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a Deus, que em todos os momentos de dor, dúvidas e incertezas foi possível sentir que não estava sozinha, pois Ele segurava as minhas mãos e trazia abonação logo após as tribulações.

Agradeço imensamente e quase sem palavras a minha mãe, Lucirene Araújo, que fez do seu objetivo de vida me ver feliz e realizada e se dedicou todos os dias a isso, sem ela eu nada seria. Ao meu pai, Francisco Rodrigues, que nunca foi bom com demonstrações de afeto, mas que nunca me deixou faltar nada e que sempre encontrou outras formas de dizer o quanto se orgulha de quem sou e o quanto me ama.

Agradeço a minha parceira Aline Maria, também conhecida como a minha melhor amiga, a minha pessoa. Durante esses quase cinco anos fomos nós duas uma pela outra, não importando a situação ou o obstáculo, sabíamos que íamos conseguir pois estávamos juntas. Nossa amizade vem de longa data e sem ela eu nada poderia fazer, seja na vida ou até mesmo aqui nesse artigo, sua amizade me moldou e hoje sou grata por cada momento que tivemos ao longo de todos esses anos.

Incluo nos agradecimentos os professores que me guiaram até aqui, com considerações ao nosso orientador Samuel e a nossa banca avaliadora Lucivando e Sâmya, mas que mestres, amigos. Assim como duas pessoas fundamentais na minha formação dentro de sala de aula, Rose, e Juliana, amigas, exemplos e pedagogas excepcionais. E também a icônica Ailce Meireles, que me fez acreditar que a escolha de lecionar te dar o poder de mudar positivamente a vida dos seus alunos, assim como ela fez com a minha.

A todos os meus amigos, familiares e pessoas próximas deixo o meu muito obrigada. Em especial ao Pedro, meu alicerce, a Isabella, minha amiga de uma vida inteira e maior apoiadora, a Milena Cornélio, que me levantou sempre que precisei, ao Lucas, meu protetor e anjo amigo, ao Gilmar que sempre me arrancou risos quando eu achei não seria possível sorrir e ao Antônio Gabriel, pessoa que nunca me abandonou e que em momento algum deixou de dizer o quanto acreditava em mim. Infelizmente não há como citar todos os nomes, mas quem participou dessa caminhada sempre terá a minha gratidão e o meu respeito.

Durante todos esses anos a minha maior dificuldade foi a saudade de casa, ir em busca de um sonho e abrir mão de tantos outros. Uma menina saiu do interior, ganhou experiência, caiu, levantou, aprendeu e se transformou em quem é hoje. Agradeço a ela por não ter desistido quando teve a chance. Nós conseguimos, sintam-se orgulhosas!

Passamos pela vida e mais do que existir, devemos viver intensamente, o tempo que nos for permitido. No final, saberemos que cada respirar valeu a pena.

Zaira Araújo da Silva

## RESUMO

O tema adoção é uma abordagem extremamente complexa, sensível e cheia de surpresas. Ao buscarmos na literatura estudos que tratassem sobre aprendizagem, desenvolvimento social e adoção, percebemos a escassez de pesquisas que conduziam as discussões a partir de uma perspectiva sócio-histórica. Dos poucos estudos encontrados que propunha esta discussão, a maioria deles focalizava a adoção como um acontecimento traumático, responsável por consequências desastrosas para o desenvolvimento da criança adotada, dentre elas as dificuldades na aprendizagem. No entanto, compreendemos que esse fenômeno social é mais complexo do que o observado, por isso tem-se o objetivo de estudar a aprendizagem e a afetividade em juventudes universitárias adotivas. Ao adentrar a vida de alguém que passou por tal experiência é possível compreender uma delicadeza de laços afetivos que vão além de qualquer semelhança sanguínea. A geração que encontramos atualmente é a geração do agora, que faz acontecer, que tem pressa para obter respostas, que buscam incansavelmente por um lugar que possam chamar de seu, por um grupo social onde consigam se identificar e reconhecer. Mas onde começou a história desses jovens não biologicamente unidos em seu primeiro meio social, a família e escola? Como se encaixaram, lidaram e se reconheceram no meio das pessoas que lhe escolheram para amar e aprender? Em busca de responder essas perguntas, utilizou-se da abordagem qualitativa, por meio dos instrumentos de coleta questionário, entrevista semiestruturada e diário de campo, para interpretação das informações, fez-se uso da análise de conteúdo de Bardin (2011). Com isso, constatamos que o indivíduo adotado não desenvolve laços afetivos somente pela condição de adotado, fatores externos podem ser os principais responsáveis, como um ambiente em que o adotado é bem-vindo, sem ser rejeitado por familiares, amigos próximos e escola, ou ainda que cresça sabendo da verdadeira história, permanecendo com uma conexão com suas origens. Por outro lado, importa dizer que os enfrentamentos às situações contrárias as boas receptividades, os adotantes aprenderam a dar a volta por cima. É possível concluir brevemente que a adoção feita da melhor forma possível não é um fato que desencadeie problemas de qualquer tipo, muito pelo contrário, faz com que o indivíduo desperte em si uma sensibilidade em relação ao outro e uma visão social muito mais abrangente e desenvolvida.

**Palavras-chave:** Adoção. Social. Afetivo. Geração. Biológico.

## **ABSTRACT**

The adoption theme is extremely complex, sensitive, and full of surprises approach. When searching the literature for studies that dealt with learning, social development, and adoption, we realized the scarcity of research that led the discussions from a socio-historical perspective. Of the few studies found that proposed this discussion, most of them focused on adoption as a traumatic event, responsible for disastrous consequences for the development of the adopted child, among them learning difficulties. However, we understand that this social phenomenon is more complex than the one observed, that is why the objective is to study learning and affectivity in adopted university youths. When entering the life of someone who has had such an experience, it is possible to understand a delicacy of affective bonds that go beyond any blood resemblance. The generation we find today is the generation of the now, that makes it happen, that is in a hurry to get answers, that tirelessly search for a place that they can call their own, for a social group where they can identify and recognize themselves. But where did the story begin of these young people not biologically united in their first social environment, the family? How did they fit in, cope and recognize themselves among the people who chose you to love and to build a family? In order to answer these questions, a qualitative approach was used, using questionnaire collection instruments, semi-structured interviews and field diaries, to interpret the information, using Bardin's content analysis (2011). With that, we found that the adopted individual does not develop affective ties only due to the condition of adopted, external factors may be the main responsible, such as an environment in which the adopted is welcome, without being rejected by family, close friends and school, or although he grows up knowing the true story, remaining with a connection with his origins. On the other hand, it is important to say that confronting situations is contrary to good receptivity, adopters have learned to turn things around. It is possible to conclude briefly that the adoption made in the best possible way is not a fact that triggers problems of any kind, quite the opposite, it causes the individual to awaken a sensitivity towards the other and a much more comprehensive and developed social vision.

**Keywords:** Adoption. Social. Affective. Generation. Biological.

## SUMARIO

<b><u>1 INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b><u>12</u></b>
<b><u>2 DISCUTINDO TEORICAMENTE ADOÇÃO</u></b> .....	<b><u>13</u></b>
2.1 <u>Aspectos de família, infância e juventude adotivos</u> .....	<u>13</u>
2.2 <u>Discussões a respeito da adoção</u> .....	<u>14</u>
2.2.1 <u>Desmitificando algumas teorias</u> .....	<u>16</u>
<b><u>3 METODOLOGIA</u></b> .....	<b><u>17</u></b>
<b><u>4 PROJETANDO OS RESULTADOS E DISCUSSÕES ACERCA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS ADOTIVOS</u></b> .....	<b><u>19</u></b>
4.1 <u>Perfil sociodemográfico de jovens universitários adotivos</u> .....	<u>19</u>
4.2 <u>Aprendizagem nos laços familiares de proximidades de jovens universitários adotivos</u>	<u>21</u>
4.3 <u>Trajetórias escolares e os laços de proximidades de jovens universitários adotivos</u> .....	<u>25</u>
<b><u>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....	<b><u>27</u></b>
<b><u>6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</u></b> .....	<b><u>28</u></b>

## 1. INTRODUÇÃO

Diversos estudos colocam a adoção como um agente central para o aparecimento de prováveis dificuldades no desenvolvimento afetivo e social dos indivíduos, como por exemplo, o baixo desempenho escolar, a introspecção e até mesmo o desenvolvimento de ansiedades, fobias e depressão. Surgem assim vários estudos na tentativa de encontrar respostas a essas dificuldades enfrentadas com o processo adotivo ou com a própria adoção em si. Questões como essas também são debatidas por outros estudos sobre adoção, que acabam por expor uma visão diferente a respeito da mesma temática e apontam que a adoção pode não ser um fator isolado para o surgimento de dificuldades sociais, sejam elas no ramo educacional, profissional ou afetivo.

Devido a isso, ocorre uma ampliação no foco do assunto para demais fatores, não considerando apenas a adoção como propulsora no surgimento de dificuldades dentro do âmbito familiar, escolar ou social. Relacionamos também a afetividade como fator importante dessa pesquisa, porém, sendo trabalhada em união com a perspectiva do indivíduo envolvido no processo, de acordo com a sua concepção e entendimento sobre toda essa situação, diferenciando-se assim esta pesquisa, que pretende abordar na perspectiva do jovem universitário, suas experiências e seus relatos.

Apoia-se a questão de que para compreender os processos de adoção na vida desses jovens, é preciso conhecer a trajetória daqueles que a estão vivenciando. Dessa forma, conhecer a visão de quem enfrentou esse processo é a base principal para toda a nossa pesquisa. Seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos, a adoção deve ser encarada e analisada como uma situação que ocorre como tantas outras na vida de crianças e adolescentes, retirando a problematização do fator adoção e analisando outros fatores recorrentes da vida da mesma, como a família e a escola que são componentes fundamentais.

Ao buscarmos na literatura estudos que tratassem sobre aprendizagem, desenvolvimento social e adoção, percebemos a escassez de pesquisas que conduziam as discussões a partir de uma perspectiva contextualizada. Dos poucos estudos encontrados que propunha esta discussão, a maioria deles focalizava a adoção como um acontecimento traumático, responsável por consequências desastrosas para o desenvolvimento da criança adotada dentre elas as dificuldades na aprendizagem (PITOMBO, 2005; SUARDI, 2007; TEIXEIRA, ET AL., 2004; WOILER, 1997). Ao longo dos relatos dados por nossos colaboradores desta pesquisa, é encontrado uma situação diferente da relatada na maioria desses estudos.

A maioria das publicações brasileiras sobre esse tema descreve casos clínicos e psiquiátricos, distorcendo ainda mais a cultura que relaciona as adoções ao fracasso escolar e

aos problemas encontrados no processo, reforçando cada vez mais o preconceito que já é existente. Isso acaba por apresentar que muitas pesquisas da área visam as dificuldades do processo de adotar uma criança e não os diversos fatores que a cercam, sejam eles positivos ou negativos, pertencer biologicamente ou não a uma determinada família não irá determinar as realizações do indivíduo nas diversas áreas de sua vida.

Ao acreditar que o desenvolvimento humano é um processo de construção social que se dá ao longo de toda a vida, acredita-se que a criança como ser em constante desenvolvimento está submetida a uma série de fatores que irão circunstanciar este processo. O processo de adoção também é constituído por vivências anteriores, as relações na casa de apoio, orfanato ou abrigo, as expectativas dos pais que estão a adotar e muitos outros, ao tempo em que esses fatores fazem toda a diferença na vida das crianças, o percurso durante o processo de desenvolvimento das mesmas vai contribuir em sua formação cognitiva, social e afetiva.

Com isso, nosso interesse em estudar a trajetória de juventudes universitárias adotivas surgiu na intenção de ouvir essas pessoas, procurando entender os processos de aprendizagem e suas afetividades pelos quais elas passam, compreendendo assim as barreiras, dificuldades e a superação formada por esse modelo de família, desconstruindo assim estereótipos sobre o tema.

## **2. DISCUTINDO TEORICAMENTE ADOÇÃO**

### **2.1 Aspectos de família, infância e juventude adotivos**

As percepções sobre crianças, adolescente e juventude sofreram, ao longo dos anos, várias alterações em diversos âmbitos, especialmente no que se refere às formas de constituição familiar, e aos direitos e cuidados direcionados à estes grupos. Deste modo, as leis que hoje vigoram sobre os direitos das crianças e adolescente, por exemplo, possuem especificidades, ao passo que foram modificadas e adaptadas de acordo com as necessidades do momento histórico, social e cultural em que estamos inseridos atualmente.

Segundo Ariès (1981), a descoberta da infância começou no século XII, e sua evolução se deu a partir do século XV, podendo ser acompanhada através da história da arte e da iconografia. Até o século XVII, as crianças eram consideradas miniaturas imperfeitas dos adultos, sendo tratadas como descaso e sem atenção especial. Somente a partir do século XVIII a criança deixa de ser vista como um adulto incompleto, e passa a ocupar uma posição central na família, como um ser humano em formação que necessita de cuidados especiais, proteção e educação.

No Brasil, a legislação sobre adoção de crianças e adolescentes começou a se estruturar no início do século XX com o advento da modernidade e as mudanças na concepção de infância, que passava neste momento a ser considerada como uma fase decisiva para o desenvolvimento de toda a vida do indivíduo. As adoções, antes disso, eram realizadas de maneira informal, não havia critérios pré-estabelecidos para a colocação de uma criança em uma família, pelo que foi possível constatar pelo levantamento bibliográfico realizado. Atualmente existem outras medidas de proteção legalizadas em nossa legislação como: o acolhimento familiar (realizada por famílias cadastradas no programa) e o acolhimento em instituições de abrigo. Estes recursos são utilizados como medida de Guarda e Tutela e diferem da adoção, visto ser a adoção legalizada como uma medida definitiva e irreversível (Cartilha Passo a Passo, adoção de crianças e adolescentes no Brasil, 2017).

Já foi falado que juventude é uma construção social, que ganha diversas caracterizações culturais nas sociedades modernas. Na contemporaneidade para dialogar sobre juventude, antes deve ser aberto um leque de outras discussões, como raça, gênero, classe social e até mesmo o pertencimento religioso. A juventude é mais que uma palavra, é uma necessidade de viver, se descobrir, interagir e principalmente experimentar. É a necessidade de não se calar, de fazer a diferença e de se fazer respeitar as diferenças. Não é mais um grito por aceitação, é um lembrete de que as gerações mudaram e que a nossa vai lidar melhor que a passada com seus problemas e deixar infinitas possibilidades para a geração futura, já que o contentamento como que se vê atualmente não é o suficiente para pará-los. A juventude eterna não é possível, mas até onde pode se considerar jovem? Se para se encaixar nesse padrão é necessário mudar, arriscar e surpreender, é possível afirmar que a juventude não se baseia em um padrão de idades, mas sim em um estado de espírito. E se há uma verdade maior que essa juventude de hoje mudou quase tudo em que tocou e que vai continuar instigando outros jovens a fazer o mesmo, está ainda desconhecida por nós. A mudança é constante e a força da juventude também. (GROPPO, 2000)

## **2.2 Discussões a respeito da adoção**

A ideia de adoção é ampla e pode manifestar-se de diversas maneiras por autores como Maria Helena Diniz, que considera que

Adoção vem a ser o ato jurídico solene, pelo qual, observados os requisitos legais, alguém estabelece, independentemente de qualquer relação de parentesco consanguíneo ou afim, um vínculo fictício de filiação, trazendo para sua família na condição de filho, pessoa que, geralmente, lhe é estranha. (DINIZ, 1995, p.282)

Já para Renata Barbosa Almeida, “a adoção é a forma mais conhecida, porque mais antiga, de filiação socioafetiva. Consiste em, por escolha, tornar-se pai e/ou mãe de alguém com quem, geralmente não se mantém vínculo biológico nenhum [...]”. (ALMEIDA, 2012, p.368). Assim, a adoção vem a ser um ato em que é concedido um lar, um espaço familiar, para um indivíduo que por alguma razão separou-se de sua família biológica, deste modo forma-se uma família onde é criada uma relação que vai além do jurídico, uma relação afetiva.

Comumente nos deparamos com opiniões que consideram a adoção como um direito da criança e um recurso para o seu desenvolvimento, como também opiniões que consideram a adoção um propiciador de problemas de ordem emocional para a família que adota, bem como para a criança adotiva.

Em meio a essas diferentes opiniões sobre adoção, circulam diferentes preconceitos e mitos, tanto em torno da criança adotada quanto da família, adotiva e biológica. A adoção, por ser vista como uma situação que está diretamente associada a um passado de sofrimentos e rupturas, é muitas vezes encarada como um segredo, o que dificulta, e muito, a relação entre esta prática e a verdade sobre a formação da família constituída através da prática adotiva.

Os discursos sobre este assunto, em sua maioria, estão permeados por conteúdos de ordem cultural que valorizam a família biológica em detrimento da família adotiva, associando a adoção com uma prática que visa à solução para a infertilidade de casais que não puderam ter filhos biológicos, buscando através da adoção, principalmente de bebês, reproduzirem um modelo “natural” de família.

Ivonita (2014, p. 49 - 50) indica que para Weber (2002) durante sua pesquisa, 49,2% das famílias participantes do estudo possuem filhos biológicos, sendo em 84,2% desse casos, o filho adotivo o caçula da família, o que evidencia que essas famílias já tem uma experiência em relação a maternidade/ paternidade. Com relação às justificativas do ato, 63% argumentaram ser por infertilidade e o restante, 37%, terem impulsos altruístas, sendo para ajudar crianças. E ainda que para solucionar questões de infertilidade, as adoções por altruísmo e afeto vem crescendo consideravelmente, segundo a autora.

Os estigmas que perpassam a adoção colocam em foco alguns mitos como, por exemplo, a quebra do apego inicial e dos vínculos, como os principais alvos de discussões a respeito dos traumas e das possíveis dificuldades que a criança possa vir a enfrentar.

Uma teoria muito discutida por autores que trabalham com a temática da adoção é a Teoria do Apego, que propõe, segundo Bowlby (1984), que todos os seres humanos nascem com forte disposição para formar vínculos de apego com uma figura específica (geralmente a

mãe), sendo esta disposição primordial à sobrevivência.

Esta ligação afetiva, chamada por ele de *Apego*, não é uma ligação afetiva indiscriminada, pois para o mesmo, esta ligação não pode ser estabelecida com qualquer pessoa. Neste sentido, o apego seria a base sobre a qual um indivíduo construiria suas expectativas e experiências positivas e/ou negativas no e sobre o mundo. É a partir dessas ideias que se encontra a procura das consequências da adoção no desenvolvimento da criança adotada, visto que ela esteve em algum momento de sua vida, privada das figuras parentais, entendidas por esta concepção como fontes de apego seguro.

Ao perguntarmos sobre a “falta de conexão” com essas figuras, com base em tudo que foi descrito acima, os entrevistados de forma geral afirmaram que gostam das pessoas que se tornaram e que tiveram as figuras certas no papel de progenitores e moldadores de caráter e principalmente em questões de afeto, todo bem necessário foi feito e hoje estes jovens levam consigo a melhor e experiência possível a respeito da adoção.

### **2.2.1 Desmitificando algumas teorias**

Rossetti-Ferreira (1984) acrescenta que para Bowlby “[...] várias formas de neuroses e distúrbios de caráter, sobretudo psicopatias, podem ser atribuídas seja à privação do cuidado materno, seja à descontinuidade na relação da criança com uma figura materna durante os primeiros anos de vida)” (p.04). Deste modo, fica evidente nesta concepção que existe uma ideologia dominante que predestina psicopatologias às crianças que, por alguma razão, se separam da mãe ou que recebem cuidados e educação compartilhados, demonstrando que o estabelecimento de vínculos afetivos com outros cuidados (como por exemplo, os educadores de creches ou de abrigos), diferentes da mãe (biológica ou adotiva) não possui valor de fato.

Para Rossetti-Ferreira (1984), isso significa pouco considerar o dinamismo presente nas relações familiares, os outros interatores, as significações e práticas presentes nos vários contextos atuais. Como um exemplo, seguindo o pensamento de Bowlby, uma família não tradicional, composta por dois pais, teria uma criança com uma maior possibilidade de desenvolver tendências psicopatológicas, pela falta da figura materna, que seria a propulsora da afetividade necessária para crescer com a saúde mental adequada.

Acredita-se que a visão embutida na teoria defendida por Bowlby, ainda faz parte de uma concepção dominante nos tempos atuais. Esta teoria, como apresentada, pressupõe que a pessoa que foi privada de um vínculo permanente com sua mãe biológica, também não poderá

estabelecer novos vínculos de apego ao longo de sua vida nem interagir com outras pessoas, que não os progenitores, sem que isso traga prejuízos de ordem emocional, cognitiva, social, entre outras.

Guirado (1986) aponta que o abandono é caracterizado como um fenômeno socialmente construído e frequentemente associado à falta afetiva, ou seja, à carência por sentimentos afetivos entre as pessoas e que pode trazer fortes efeitos para o desenvolvimento emocional durante a infância e ao longo da vida. A autora também se refere ao fato de que a mãe possui, no sistema familiar, um papel com forte influência e importância, e sua ausência pode trazer ao filho sentimentos de falta de laços afetivos.

Estes pressupostos apresentados, de que as pessoas adotadas, principalmente quando adotadas tardiamente, não terão um desenvolvimento “normal” em comparação com crianças não adotivas, à medida que legitimados por estudos científicos, poderão, infelizmente, ser cada vez mais difundidos e aceitos. Eles estimulam a naturalização e aceitação dos preconceitos sobre a adoção, acarretando, assim, prejuízos para as próprias crianças que trarão consigo rótulos de carentes, por terem sido abandonadas, e de incapazes, por terem sofrido traumas. É como se não fosse possível a estas crianças adaptar-se ao novo ambiente no qual estão inseridas, bem como estabelecerem novos vínculos de apego e desenvolverem-se normalmente.

### **3. METODOLOGIA**

Nessa fase estão contidos o método e técnicas que foram utilizados para a construção dessa pesquisa, a fim de possibilitar um melhor entendimento dos resultados encontrados. A pesquisa é que um conjunto de técnicas que buscam resolver questões acerca de uma problemática e assim, produzir um novo conhecimento e não apenas rerepresentá-lo. Trazendo ainda a definição de Pedro Demo, “pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta à primeira vista” (DEMO, 1987, p. 23), assim sendo observamos essa realidade, a investigamos e interpretamos para que os resultados pudessem ser os mais satisfatórios possíveis.

Utilizamos a abordagem de caráter qualitativa, pois ela nos permite obter, além de uma pesquisa exploratória, a compreensão e interpretação do comportamento do objeto de estudo, assim como o descobrimento de opiniões e expectativas dos mesmos.

Segundo Kauark (2010, p. 26):

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de

significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Dessa forma, na abordagem qualitativa é ressaltada a opinião dos entrevistados, evidenciando a aproximação e interpretação da realidade de tais e portanto, podendo também, identificar hipóteses para possíveis dificuldades afetivas, educacionais e sociais que os jovens apresentam ou apresentavam quando crianças.

Os resultados encontrados tiveram como finalidade conhecer as mais diversas opiniões acerca da adoção e como foi o processo de inserção dos entrevistados na nova família, saber também se houve algum tipo de dificuldade por parte de outros familiares nesse processo.

A produção dessa pesquisa deu-se através de pesquisas de campo, bibliográficas, elaboração e aplicação de questionários e entrevistas não estruturadas, tudo com o intuito de colaborar para com a pesquisa. De acordo com Lima (2007, p. 37) a pesquisa bibliográfica pode ser definida como:

Um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas poucos explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.

Levando em conta esse conceito, a pesquisa bibliográfica é bastante relevante para o estudo de problemáticas em que o observador/ pesquisador possua ou não um conhecimento prévio, ampliando assim a produção de novos conhecimentos. As citações e argumentos aqui inscritas tiveram fundamento mediante a busca de informações em artigos, monografias e livros encontrados em bibliotecas e sites.

A pesquisa foi realizada com jovens universitários da cidade de Parnaíba – PI. Assim foram colhidas as informações necessárias para a concretização da mesma, como por exemplo a observação e realização de entrevistas, para que em seguida fossem analisadas, interpretadas, compreendidas e deste modo obtivemos conclusões verídicas e satisfatórias sobre o tema.

Foi apresentado o plano de pesquisa deste trabalho para os voluntários, assim que estes entenderam o intuito da pesquisa, foi disponibilizado a eles o questionário, sempre dando suporte a qualquer tipo de dúvida que pudesse surgir durante o processo. Após uma análise superficial das respostas dos questionários partimos para entrevistas semiestruturadas com a intenção de uma melhor compressão das respostas apresentadas nos questionários. Essas aplicações de questionários e entrevistas aconteceram no período de 08 a 20 de janeiro de 2021.

Após essa coleta de dados que foi realizada com o questionário, entrevista e a pesquisa bibliográfica, foi feita uma análise mais profunda e completa dos resultados que serão apresentadas no fim desse trabalho. Com este propósito, utilizamos a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011) que nos instiga e direciona a uma análise mais meticulosa. Segundo a autora, a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. (BARDIN, 2011, p.15). Bardin apresenta quatro etapas para que essa investigação se torne mais completa, sendo elas: 1ª História e Teoria, que orienta que devemos conhecer o objeto de estudo em sua totalidade e aquilo que fica subentendido nas falas dele; 2ª Práticas, que aponta a análise de questionários e entrevistas de forma integral, dando importância a respostas, falas, gestos, sem deixar nada de lado; 3ª Métodos que visa organizar e categorizar os resultados encontrados, o que possibilita a união de opiniões de forma sistemática e 4ª Técnicas que nos apresenta maneiras para que a análise do conteúdo seja adequada e satisfatória.

#### **4. PROJETANDO OS RESULTADOS E DISCUSSÕES ACERCA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS ADOTIVOS**

##### **4.1 Perfil sociodemográfico de jovens universitários adotivos**

Neste tópico apresentaremos as análises das entrevistas realizadas em forma de questionários abertos que foram aplicados com jovens estudantes adotados que contribuíram para com o resultado desse estudo. Foi um total de 9 entrevistados, sendo 5 mulheres e 4 homens, dentre esses 9, somente 2 casados e ambos com filhos. Suas idades variavam entre 19 e 29 anos, todos com ensino superior incompleto, ou seja, cursando.

De acordo com as informações coletadas, a maioria dos entrevistados demonstraram sempre muita gratidão com o fato de terem sido adotados/ acolhidos por suas atuais famílias. Isso se reflete muito na forma com que acolheram o presente estudo, sempre se mostrando disponíveis e interessados na pesquisa e no resultado que proveria dele.

Levando em conta as respostas da primeira série de perguntas que é acerca do perfil socioeconômico dos entrevistados, apenas 2 dos entrevistados tem fonte de renda própria, os outros 7, por ainda morarem com os pais dependem financeiramente deles. Ao serem abordadas sobre os lugares onde residiam, dos 9 entrevistados, 7 são residentes na cidade de Parnaíba – PI, os outros 2 são da cidade vizinha, Luís Correia.

Quando perguntados se tinham irmãos e como era a relação entre eles, todos os entrevistados responderam que sim, tinham irmãos e a maioria relata relações saudáveis e de altos e baixos, com históricos de brigas e ciúmes que são naturais da relação. Sobre a escolaridade dos pais, as respostas variaram muito, tínhamos em nosso grupo, entrevistados com pais desde analfabetos até com cursos superiores completos. A família sempre foi o maior espaço de formação de todos, seguido da escola, onde relataram que sempre tiveram incentivo e apoio nos estudos por parte dos pais e que também emanava deles próprios a vontade de estudar e estarem em uma universidade fazendo uma graduação. Um outro espaço que serviu de formação também citado foi a igreja.

Gropo (2000) tem uma afirmação interessante a respeito da juventude, indo além de uma faixa etária ou de quaisquer atributos impostos socialmente para definir até quando ou até onde este ou aquele indivíduo pode ser considerado jovem.

“Juventude será uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p. 8)

Nossa pesquisa reuniu pessoas de diferentes grupos sociais, diferentes idades e até de diferentes lugares, o objetivo central era analisar os aspectos da infância e juventude, suas experiências e representá-las em forma de artigo socializando um assunto não tão abordado em mídias e afins. De acordo com Dayrell (2003), “construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais” (p. 41). Foi utilizando este mesmo critério que nossa pesquisa se baseou. A idade dos entrevistados não era o enfoque e sim a possibilidade de troca de experiências. Sobre se todos as pessoas abaixo se consideram jovens a resposta é sim. Dentro do seu meio, com toda carga emocional, educacional e social são os jovens exemplos da nossa pesquisa.

Segue abaixo o quadro com perfil socioeconômico de nossos entrevistados. Os nomes utilizados são fictícios para a preservação de suas identidades.

Quadro 1: perfil socioeconômico dos entrevistados

Entrevistado/ Idade	Curso	Cidade atual	Escolaridade dos pais adotivos	Renda própria?
Rafaela, 22 anos	Ciências Contábeis	Luis Correia – PI	Fundamental Incompleto	NÃO
Bianca, 19 anos	Fisioterapia	Parnaíba – PI	Fundamental Completo	NÃO
Carla, 29 anos	Física	Parnaíba – PI	Analfabetos	NÃO
Pietro, 27 anos	Matemática	Parnaíba – PI	Superior Completo	SIM
Nasser, 25 anos	Medicina	Parnaíba – PI	Superior Completo	NÃO
Mário, 21 anos	Ciências Econômicas	Parnaíba – PI	Superior Completo	NÃO
Leila, 20 anos	Biologia	Luis Correia – PI	Fundamental Incompleto	
João, 22 anos	Matemática	Parnaíba – PI	Ensino Médio Completo	SIM
Heloísa, 28 anos	Serviço Social	Parnaíba – PI	Analfabetos	NÃO

Fonte: autoras, 2021.

#### 4.2 Aprendizagem nos laços familiares de proximidades de jovens universitários adotivos

Ao término das perguntas de cunho socioeconômico, partimos para a segunda parte da entrevista, que investiga a trajetória de proximidade nos laços afetivos destas pessoas, os entrevistados ainda se mostravam interessados, sempre respondendo profundamente as perguntas.

Ao serem questionados se sofreram algum tipo de dificuldade de aceitação vindo de parentes próximos, a maioria (6 deles) afirmaram que não, que todos os familiares os receberam bem e sem fazer nenhum tipo de diferenciação. Porém, desses 6, uma entrevistada relata chateação com os termos que usavam para se referir a ela, *“Eu sempre detestava ouvir a frase ‘ah, essa é a menina que você cria!’ quando alguém da minha família se referia a mim ao falar com a mamãe”* (Carla, 29 anos).

Os outros 3 alegaram que sentiram uma diferenciação vinda principalmente de avós, tios e primos, sempre de forma bem discreta, mas que com o tempo foram amenizadas ou deixaram de acontecer. Leila, de 20 anos, relatou que quando criança, seus primos costumavam não chamá-la para brincar. Ela também conta um episódio em que não foi convidada para o aniversário de um desses primos, o que fez com que ela ficasse muito triste, mas que com seu crescimento e amadurecimento afirma ter entendido esses momentos de estranheza, diz que compreende que essas pessoas também precisavam de um tempo para formarem seu próprio entendimento da situação.

Abaixo segue um quadro demonstrativo de familiares que durante o processo de inserção dos adotados se mantiveram mais próximas e mais distantes.

Quadro 2: demonstrativo de familiares que durante o processo de inserção dos adotados se mantiveram mais próximas e mais distantes

<b>Entrevistado/ Idade</b>	<b>Próximas</b>	<b>Distantes</b>
Rafaela, 22 anos	Irmãos, primos	Sem correspondência
Bianca, 19 anos	Irmãos, primos, tios	Sem correspondência
Carla, 29 anos	Irmãos, tios	Sem correspondência
Pietro, 27 anos	Irmãos, primos, avós	Tios
Nasser, 25 anos	Irmão, avós	Sem correspondência
Mário, 21 anos	Irmãos, primos	Sem correspondência
Leila, 20 anos	Irmãos, avós	Primos, tios
João, 22 anos	Irmão, primos, tios, avós	Sem correspondência
Heloísa, 28 anos	Irmãos, avós	Primos

Fonte: autoras, 2021.

Quando perguntados se queriam levar a prática da adoção adiante a maioria dos entrevistados responderam que sim. A adoção é um ato que inspirou eles, e concordam que é algo positivo e que possa mudar a realidade de uma pessoa. Para eles, adotar é um ato de generosidade, coragem, amor e esperança pela vida. **“Para mim, não existe um exemplo maior de altruísmo”** (Carla, 29 anos). Nasser de 25 anos, com o mesmo sentimento de levar essa prática a frente declara que **“Quero poder dar a outra criança a mesma oportunidade que eu tive quando fui adotado e acolhido pela minha atual família.”**

Além disso, eles também concordam que quando uma pessoa é adotada, seja ela, recém nascida, criança ou jovem, nesse momento está se dando a ela uma oportunidade que ela talvez não chegue a ter em toda sua vida e que esse ato deveria ser mais divulgado para que outras pessoas possam conhecer esse lado da adoção, um ato que pode salvar, literalmente, a vida de alguém que posteriormente poderá ser um excelente ser humano e profissional. **“É uma prática que deveria ser mais vista pois salva a vida de muitas crianças que podem ser grandes exemplos e ótimos profissionais para ajudar a sociedade a evoluir.”** (João, 22 anos). Ainda acerca do assunto, Bianca, 19 anos, autentica o sentimento de gratidão já citado aqui **“Acredito ser como um presente de Deus, tanto para mim, quanto eu fui para os meus pais”**.

Com os entrevistados as formas de adoção foram diferenciando-se entre si, houveram casos de abandono por parte de pai e mãe, onde os avós se responsabilizaram em resguardar, proteger, cuidar e amar aquele ser como se originalmente já fossem seus. Também tivemos o relato de famílias biológicas em situação de pobreza, portanto sem a mínima condição financeira de arcar com as responsabilidades, deveres e necessidades que uma criança possui. Por fim, houve um relato de abandono cometido ainda na maternidade, onde devido a influência de uma enfermeira e o amor de uma mãe que não conseguira engravidar, providenciaram a adoção do bebê que em toda a sua fragilidade não encontrou espaço onde deveria haver proteção, cuidado e acima de tudo, afeto. Apresentaremos um pouco desse relato a seguir.

*“Minha mãe biológica engravidou aos 15 anos de idade, não teve nenhum apoio familiar, irmãos, pai e mãe, ninguém quis apoiá-la durante a gestação. A única pessoa que lhe estendeu a mão, foi uma tia, que por sua vez era enfermeira e que trabalhava no hospital em que nasci. Aos 12 anos encontrei essa enfermeira, que é comadre da minha mãe adotiva e ela pôde me contar como tudo aconteceu. No dia que nasci minha progenitora entrou em pânico e logo após meu nascimento saiu fugida do hospital. Era uma criança dando à luz a outra criança, só que no meu caso, abandonada a própria sorte. A enfermeira sendo comadre da minha mãe adotiva e sabendo do seu desejo de ser mãe, a informou sobre o meu abandono e a mesma dirigiu-se ao hospital para me conhecer. Como naquela época outros procedimentos vigoravam, a papelada foi organizada e minha mãe me registrou como filha dias depois.*

*Soube que fui adotada aos 7 anos de idade, minha mãe havia desde sempre me instruído com a frase “você saiu do coração da mamãe, que é um lugar muito mais cheio de amor do que a minha barriga”. E quando atingi essa idade, ela me explicou o que essa frase significava. Aos 12 eu conheci a enfermeira e soube de toda parte teórica por trás do meu nascimento e aos 18 anos conheci a minha mãe biológica.*

*Saber desde sempre das minhas origens e da perspectiva de vida que eu poderia ter tido caso ficasse com a minha família biológica, só me fez ser grata por ter sido deixada naquele dia na maternidade. Todas as minhas perguntas eram respondidas, não cresci com uma interrogação sobre quem eu poderia ter sido e acima de tudo, fui sempre tão cercada de amor, carinho, mimos e cuidados, que nem de longe saberia o que é se sentir abandonada.*

*Tive a oportunidade de conhecer minha mãe biológica e uma das primeiras coisas que fiz foi lhe agradecer, graças a ação dela eu pude ter tudo que uma criança necessita pra se desenvolver plenamente. Tive tudo do bom e do melhor, começando pelo caráter e pelo extremo amor que sempre recebi de absolutamente todos os membros da minha família e por esse motivo não sinto nenhum sentimento negativo em relação a ela.”*

Com esse relato e juntamente com as respostas dos demais entrevistados, constatamos que ser criado em uma família não biológica faz com que você questione coisas simples a respeito da sua própria identidade, como aspectos, as vezes comuns na visão de outras pessoas,

como de quem originou os traços que definem seu rosto, se os sinais que possuem em seu corpo também são encontrados nos demais membros da sua família original, se sua personalidade é característica sua mesmo ou se de alguma forma foi herdada. Ao contrário de uma pessoa que foi gerada de forma tradicional, que encontra todas as respostas ao olhar álbuns de família, ao ver os parentes em um almoço de domingo, de forma simples e clara, todos esses questionamentos são respondidos sem dificuldade. Mais do que isso, McGinnis et al. (2009) salientam que

[...] alguns dos entrevistados também notaram que seus pais não sabem ou não entendem o impacto de ser uma pessoa de cor em uma comunidade predominantemente branca ou a importância de conectar as crianças com adultos do mesmo grupo étnico-racial, para servir como fontes de informação, apoio e referência. O mesmo pode ser dito para adoção, ou seja, é favorável à interação de filhos adotivos com outras crianças adotadas e com adultos que foram adotados. (p. 6- 9).

Para McGinnis et al. (2009), é de extrema importância que o indivíduo consiga se reconhecer nos traços, diálogos ou até comportamentos de pessoas semelhantes. Ao serem acolhidos por suas famílias adotivas muitas vezes alguns desses traços se perdem e por falta de conhecimento dessa necessidade abre-se uma lacuna de identidade que perdura durante a infância e segue até a vida adulta, onde geralmente estes conseguem se reconhecer e se incluir em grupos próprios, originando assim novas raízes com a representatividade que sempre buscaram.

Ao conversar com alguns dos colaboradores da pesquisa, é notório que alguns destes não tiveram essa necessidade de resposta, enquanto para outros foi indispensável a busca por tais conhecimentos. A diferença humana é o que representa cada um de forma singular. Pessoas vindas de uma mesma situação, mas com necessidades de autoconhecimento totalmente diferentes.

Onde é possível chegar quando não conhece o primeiro caminho que deveria percorrer? Existe a possibilidade de sua personalidade ser totalmente alterada pelo meio que você se encontra? E a falta de conexão com suas origens poderia alterar todo o seu eu? São perguntas que também instigaram esta pesquisa e que obtiveram algumas respostas.

O que todos esses relatos tem em comum? Não importa a forma que a adoção procedeu, uma família para uma criança foi o que motivou a adoção de todos eles. Em um país onde estatisticamente há uma grande quantidade de crianças esperando pelo mesmo acontecimento, o ato de adotar beneficiaria milhares de vidas, para sermos mais específicas segundo a Agência Senado: “Existem quase 34 mil crianças e adolescentes abrigadas em casas de acolhimento e

instituições públicas por todo país. Destas, 5.040 estão totalmente prontas para a adoção”. São crianças e adolescentes por todo país na expectativa de que um dia encontrem um lugar para chamar de lar.

Para a psicóloga Lidia Natalia Dobrianskyj Weber, (1996)

O amor de uma família adotiva é construído da mesma forma que de uma família biológica; não é ter o mesmo sangue que vai garantir o amor nem o sucesso da relação. O amor é conquistado, como já disse a filósofa Elizabeth Badinter. É preciso, simultaneamente a um trabalho de conscientização sobre a importância da adoção, um esforço para desmistificar a associação genérica e errônea entre adoção e fracasso. As dificuldades que ocorrem são muito semelhantes com aquelas que aparecem em famílias biológicas. E de qualquer forma, mesmo a vivência de tais dificuldades e preconceitos é muito menos dolorosa do que a solidão, o vazio, a falta de identidade, a ausência de vínculos e o desamparo de uma criança abandonada.

Com isso, percebemos que a adoção para esses jovens universitários faz com que eles tenham sempre em si um sentimento de gratidão e que a adoção faça despertar no adotado um olhar de empatia para com o outro. Os entrevistados afirmaram que durante a infância chegaram a existir algumas especulações sobre as suas adoções, mas nada que os impedissem de ter uma vida normal, sem traumas, restrições ou qualquer obstáculo que não os permitissem crescer e se desenvolver afetivamente e socialmente em seus meios. Sendo assim, acreditamos que tais afirmativas equivocadas só surgem no intuito de propagar o preconceito existente ainda na sociedade com essa “nova” forma de constituição familiar.

### **4.3 Trajetórias escolares e os laços de proximidades de jovens universitários adotivos**

Tendo a escola como um espaço de construção social, pois é nela que acontecem os primeiros encontros com o diferente, visão de mundo, valores, vivências, sentimentos, comportamentos, etc, entre os indivíduos, conhecer a rotina dos entrevistados no contexto escolar fez-se necessário, pois teve como propósito entender como essas interações aconteceram e se elas de alguma forma influenciaram na personalidade que eles construíram durante o período que passavam no espaço.

Segundo Dayrell (1996, p.137):

A escola, como espaço sócio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação

recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração reelaboração ou repulsa expressas pelos sujeitos sociais.

Assim, fica evidenciado que a escola não se resume somente há um lugar de transferência de saber/ conhecimento de professor para aluno, mas se revela também como um espaço em que ocorrem trocas sociais entre todos os indivíduos que o frequentam. As interações lá vividas têm uma rica bagagem social, percebido a amplitude de realidades lá encontradas.

Deste modo, perguntamos se a comunidade escolar tinha ciência do fato deles serem adotados, a maioria respondeu que sim, Heloísa de 28 anos, respondeu que pelo fato de seus pais já serem idosos, muitas pessoas a questionavam e por isso ela já falava abertamente sobre. Mário, 21 anos, acrescenta que **“Sempre falei isso abertamente pra amigos e professores, pois desde novo já foi me repassado isso e sempre soube lidar”**. **“Sempre estive ciente da situação desde o começo, acredito que isso contribuiu pra que eu não gerasse mágoas”** (Bianca, 19 anos).

Com essas respostas, percebe-se que o fato da família ter desde cedo explicado a situação deles, a respeito de serem adotados, e os ter instruídos de como agir quando questionados sobre, fez com que estivessem a todo momento preparados para ouvir esse tipo de questionamento e soubessem como lidar e dar a melhor resposta, pois é nesse meio social que o indivíduo aprende como controlar e tomar decisões diante de acontecimentos, aprende também como externar seus sentimentos de forma equilibrada. (WAGNER, RIBEIRO, ARTECHE & BORNHOLDT, 1999).

**“Me salvou de muita ruim, pois se eu tivesse sido criado pela minha família biológica não estaria no caminho certo! Me fez evoluir muito como pessoa”** (João, 22 anos). Sempre conversando de forma natural e aberta, pois para eles, assim como para João a adoção foi uma “salvação” e uma forma de recomeçar uma vida que poderia ser melhor que a que, provavelmente, teriam com a família biológica

Já os entrevistados que responderam que poucas eram as pessoas que sabiam de sua condição, dizem que isso não se deve ao fato de terem vergonha da situação e sim porque nunca foram feitas indagações sobre o assunto e também por considerarem que esse fato não afetaria em nada suas vidas. Pietro, 27 anos, quando questionado o porquê poucas pessoas sabem de sua situação, esclarece propriamente isso **“Nunca senti necessidade de estar falando isso. Até porque não é algo que vá afetar direta ou indiretamente qualquer campo da minha vida. E também nunca me perguntaram, mas se tivessem teria respondido que sim. Nunca tive**

*vergonha de ter sido adotado, muito pelo contrário, sempre tive orgulho e agradeço muito a minha família por terem me acolhido”.*

Ainda sobre a comunidade escolar, quando questionados se sofreram algum tipo de *bullying* por serem adotados, cinco dos entrevistados responderam que não, que nunca sofreram e nem sentiram nenhum tipo de diferenciação por isso, os outros três restantes responderam que sim, dois destes não se sentiram à vontade para compartilhar e Pietro, 27 anos, fala que *“algumas pequenas brincadeiras chegaram a ser feitas, mas nada que tenha afetado-me”*. Concordamos que isso se deve muito a sua criação, de todo ensinamento e apoio, em todos os sentidos, que recebeu dos pais. Levando em consideração as respostas que tivemos dessas questões podemos afirmar que a condição de ser adotado não foi um gatilho para práticas de *bullying* e discriminação.

Com isso, enfatizamos também a importância da relação família-escola, pois estas são as duas principais instituições que são agentes de desenvolvimento do sujeito, como também afirmam Dessen e Polonia (2007, p. 29), “a família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experimentar e ampliar seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento. A escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo.”

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho objetivou estudar a trajetória de juventudes universitárias adotivas, procurando entender os processos de aprendizagem e suas afetividades pelos quais elas passam. Por esse meio, buscou desmistificar o pressuposto de que ser adotado é um fator que venha a despertar e desenvolver problemas de cunho educacional, afetivo e social nos indivíduos. Necessariamente, com base nas respostas que obtivemos nos questionários e entrevistas e após uma análise profunda e minuciosa, constatamos que o indivíduo adotado não desenvolve tais questões somente pela condição de adotado.

Muitos desses problemas provêm de um ambiente que favoreça o aparecimento destes. Por exemplo, um ambiente em que o adotado não é bem-vindo e acolhido da maneira que deve ser, sendo rejeitado por familiares e amigos próximos, ou ainda que cresça sem saber da verdadeira história, faz com que ele não se sinta pertencente e também que não desenvolva a confiança necessária para a aprendizagem, principalmente, afetiva. Diferentemente de nossos colaboradores deste estudo, que por sempre saberem que foram adotados afirmaram que não

tiverem algum tipo de problema, muito menos, diante das entrevistas, expressaram algo que discordasse dessas respostas.

Houveram dificuldades em vários aspectos de suas vidas, mas isso se deu ao fato de serem pessoas normais e não problemas por serem adotados. Pelo contrário, todos os voluntários citaram gratidão e o desejo de retribuir o mesmo ato que os fizeram ser quem são hoje. Adotar é um sinônimo de amor, mas do que a necessidade de ter um filho, é a capacidade de ter tanto amor ao ponto de transbordar e acolher os mais indefesos com o único desejo de fazer com que sejam felizes, desenvolvidos e cuidados.

Foi observado também que o não aparecimento/ desenvolvimento desses problemas, deve-se muito a família e a escola que se constituíram enquanto instituições que mais o apoiaram, o que os entrevistados julgaram ter sido fundamental na construção de suas identidades. Toda demonstração de afeto existente nesses ambientes em que cresceram fez com que eles se sentissem pertencentes a esses lugares e que se desenvolvessem de forma saudável. Evidenciamos também nesse trabalho que o adotado é um indivíduo que olha de uma forma diferente para uma pessoa. Ele tem em si um sentimento de empatia, o que faz ele ver o outro com menos preconceitos e julgamentos, ele olha além do exterior, buscando entender o porquê de certas atitudes antes de especular tipos de concepções.

Concluimos o presente trabalho com a entendimento de que a adoção não é um fato que desencadeie por si problemas de qualquer tipo, muito pelo contrário, pode fazer com que indivíduos despertem em si sensibilidades em relação ao outro, faz com que vejam o mundo de uma forma melhor e mais verdadeira, conhecer o sentimento de abandono não os fizeram incapacitados, os fizeram fortes, determinados e conscientes da realidade de amor que tiveram, eles não foram um susto, um erro, foram um planejamento de vida, é impossível não se sentir amado dessa forma. Esperamos que com esses resultados possamos colaborar com a sociedade dando mais visibilidade a um tema tão pouco estudado, quebrando pré-conceitos formados e trazendo à tona outros significados de adoção, acolher, fazer o bem e amar sem medidas.

## **6. REFERENCIAL BIBLIOGRAFICO**

ALMEIDA, Renata Barbosa de. **Direito Civil: família**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ALVES, I. S. **Nasci aqui e cresci lá: conflitos identitários de jovens brasileiros adotados por pais estrangeiros**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano) – UNIFACS Universidade de Salvador. Salvador, 2014.

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro/RJ: LCT, 1981.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOWLBY, J. **Apego**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1984.
- DAYRELL, J. T. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: Dayrell, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- DAYRELL, J. T. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, 2003.
- DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1987. p. 23.
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), 2007.
- DINIZ, Maria Helena. **Curso de direito civil brasileiro-direito de família**. São Paulo: Saraiva, 1995.
- GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GUIRADO, M. **Instituições e relações afetivas**: o vínculo com o abandono. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- KAUARK, F. S; MANHÃES, F. C; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa**: um guia prático. Itabuna – Bahia. Via Litterarum. 2010.
- LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Revista Katalysis, v. 10, p. 35 – 45, 2007.
- MCGINNIS, HOLLEE et al. **Beyond culture camp: promoting healthy identity formation in adoption**. New York: Donaldson Adoption Institute, 2009. Disponível em: <<http://adoptioninstitute.org/publications/beyond-culture-camp-promoting-healthy-identity-formation-in-adoption/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.
- PARAÍBA (ESTADO). **Cartilha passo a passo – Adoção de Crianças e Adolescentes no Brasil**. 2017.
- PITOMBO, E. M. **Adoção e problemas de aprendizagem**. Disponível em: <<http://elisapitombo.blogspot.com>>. 2005. Acesso em: 17 jan. 2021.

ROSSETTI-FERREIRA (Coordenadora). **Delicada escolha:** Uma família para a criança e uma criança para uma família. Ribeirão-Preto: CINDEDI- USP, 2008.

SUARDI, C. D. Z. **Implicações do abandono e da adoção na aprendizagem e na constituição do sujeito.** Monografia: Porto Alegre, 2007, n.4, p.366 - 396. Disponível em: < [www.fapa.com.br/monographia](http://www.fapa.com.br/monographia) >. Acesso em: 13 jan. 2021.

TEIXEIRA, A. L.; ROCHA, B.; ATAÍDE, S. **O Segredo na Adoção e suas Repercussões no Processo de Aprendizagem da Leitura e Escrita.** Disponível em: < <http://www.profala.com> >. 2009. Acesso em: 20 jan. 2021.

WAGNER, A. *et al.* **Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 1999.

WEBER, L. N. D. **Famílias adotivas e mitos sobre laços de sangue.** Disponível em: < <http://www.lidiaweber.com.br/artigoscientificos.html> >. 1996. Acesso em: 23 jan. 2021.

WOILER, E. **A condição afetivo-emocional da criança adotada:** Repercussões na aprendizagem, em especial na aprendizagem escolar. Dissertação de mestrado, Psicologia Clínica, PUC: São Paulo, 1997.